



Avanços no Estudo de Insetos Sociais:

Anais do V Workshop sobre insetos sociais



**São Paulo
2020**

Autorizamos a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo

Workshop sobre Insetos Sociais (5., 2020 : São Paulo, SP).

Livro de Resumos / organizado por Nicolas Châline_e outros. -- São Paulo, SP :
Universidade de São Paulo, 2020.

120 p.

ISBN: **978-65-87596-09-9**

DOI: **10.46597/9786587596099**

1. Insetos Sociais 2. Ecologia 3. Etologia 4. Evolução 5. Sistemática 6. Genômica
7. Reprodução 8. Nutrição 9. Sociobiologia I. Título

QL496.4

Pluviosidade não tem influência na demografia colonial da espécie de formiga *Dinoponera gigantea* em Bragança, Pará, Brasil

Raquel Leite Castro de Lima¹, Adriane Jamily Ferreira Hora², Hilário Póvoas de Lima¹,
Ronara de Souza Ferreira Châline¹, Nicolas Châline¹

¹ Laboratório de Etologia, Ecologia e Evolução dos Insetos Sociais, Universidade de São Paulo, São Paulo, São Paulo, Brasil. raquel_lima@usp.br

² Laboratório de Zoologia, Universidade Federal do Pará, Bragança, Pará, Brasil.

Dinoponera gigantea é uma das maiores espécies de formigas, medindo em média 3 cm. Ocorre em florestas tropicais na costa da Guiana, Peru e no Brasil, nos Estados do Pará, Maranhão e Mato Grosso. As colônias, que têm em média 55 operárias, estão localizadas, geralmente, na base de árvores, palmeiras ou cipós. A espécie não apresenta casta morfológica de rainha, todas as operárias são totipotentes. Desta forma, a reprodução de colônias ocorre por fissão, uma estratégia em que indivíduos reprodutivos acompanhados de operárias se separam permanentemente do ninho parental e fundam uma nova colônia. Trabalhamos com a hipótese de que variações de índices pluviométricos, podem dificultar a fundação de novas colônias, por conta do encharcamento ou inundações do solo. Para testar essa hipótese, escavamos 13 colônias nos meses de fevereiro a maio (período chuvoso) e 13 colônias no mês de julho (período seco), registramos o número de operárias, machos, larvas e casulos encontrados e comparamos a demografia das colônias para verificar se existem diferenças na quantidade de indivíduos nos períodos seco e chuvoso. O estudo foi realizado em áreas de floresta secundária no município de Bragança, Pará, Brasil, que tem clima quente e úmido. Nessa região, há um período chuvoso, que ocorre de dezembro a maio e um período seco, que ocorre nos meses de junho a novembro. Nossas análises mostraram que a média de indivíduos nas colônias no período chuvoso foi de 51,07 operárias, 20,61 casulos, 10,07 larvas e 0,84 machos e no período seco foi de 50,53 operárias, 20,76 casulos, 11,61 larvas e 0,30 machos. Os dados não mostraram diferenças significativas na demografia das colônias coletadas nos períodos seco e chuvoso, sugerindo que não há um período específico para a liberação de machos ou aumento no número de operárias e prole e a fundação de novas colônias.

Palavras-chave: Pluviosidade, fissão, *Dinoponera gigantea*

Agradecimentos: CNPQ, Bolsa PQ (311790/2017-8), CAPES PROEX Psicologia Experimental (1964/2016), PROCAD Amazônia 2018 – Linha 1

